

GIANINI LAUREANO FLORES

**HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO NO MANEJO DO LUTO E
DA EUTANÁSIA EM PEQUENOS ANIMAIS: UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

São Paulo

2025

GIANINI LAUREANO FLORES

**HABILIDADES DE COMUNICAÇÃO NO MANEJO DO LUTO E
DA EUTANÁSIA EM PEQUENOS ANIMAIS: UMA REVISÃO DE
LITERATURA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Programa de Residência em Saúde da
Faculdade de Medicina Veterinária e
Zootecnia da Universidade de São Paulo.

Área de Concentração: Clínica Médica e
Cirúrgica de Pequenos Animais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Aline A. Bolzan.

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão, iniciando pela experiência de luto mais recente. Nacho, mais que um cão, foi meu amigo por doze anos. Ensinou-me a valorizar o simples, como o sol e a grama sob os pés, e acompanhou silenciosamente este período da residência. Embora você não possa seguir comigo até o fim, em vida, sinto sua presença em cada paciente que ajudo.

À minha família, e aqui registro a família biológica composta por minha mãe, meu pai, meu avô e minha avó, e também à família Valdetaros, família do meu esposo, agradeço o apoio constante e a compreensão diante de tantos “nãos”. Tornei-me ausente fisicamente, mas, meu coração permaneceu próximo de vocês.

Ao meu esposo, deixo um agradecimento especial. Muito se fala sobre a dureza da residência para o residente, mas, pouco se reconhece o quanto a família também atravessa esse processo. Sem você, nada disso teria sido possível. Você participou de cada etapa desse sonho, celebrou as vitórias e suavizou as tristezas.

Agradeço às minhas amigas da residência, Gabi Bahr, Vitória, Ivy, Gabi Ruiva, Olga e Yasmin. A residência é uma experiência singular e cada percepção ajudou a compreender momentos complexos. A convivência diária, as risadas e até os períodos de tensão tornaram o percurso mais leve. Guardarei tudo isso com carinho.

Aos meus companheiros animais, Catra e Bolacha, agradeço o apoio emocional constante. Por vocês sigo minha jornada em busca de me tornar uma médica veterinária sempre melhor.

À Universidade de São Paulo e à equipe do HOVET, deixo meu profundo reconhecimento. Aos preceptores, em especial às médicas veterinárias Denise Simões, Talita e Letícia, agradeço pela disposição em discutir casos e contribuir para meu desenvolvimento profissional. Às médicas veterinárias Ana Paula e Fabiana do Serviço de Ortopedia, recordo com clareza o dia em que fomos apresentadas ao serviço: ver um grupo feminino atuando na especialidade trouxe alegria e inspiração. Vocês impulsionaram meu aperfeiçoamento diário.

Agradeço também à professora Ayne, pelo compromisso com nosso aprimoramento e a qualidade do programa, aos estagiários e às equipes de limpeza, administração e segurança. Cresci como profissional e, sobretudo, como pessoa. Um local como este não se sustenta no trabalho solitário e conviver com pessoas dispostas a contribuir para o crescimento do outro é um privilégio.

RESUMO

FLORES, G. L. **Habilidades de comunicação no manejo do luto e da eutanásia em pequenos animais**: uma revisão de literatura. 2025, 34f. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

O fortalecimento do vínculo entre seres humanos e animais de companhia ampliou o debate sobre luto e eutanásia na clínica de pequenos animais. A presença dos animais no núcleo familiar intensifica o impacto emocional diante da doença e morte, tornando a comunicação essencial para reduzir sofrimento, orientar decisões e preservar a confiança entre responsáveis e médicos-veterinários. A falta de preparo comunicacional favorece conflitos, experiências negativas e desgaste emocional profissional, o que evidencia a necessidade de aperfeiçoar essa área na prática assistencial. Este estudo analisou, por meio de revisão narrativa de literatura nacional e internacional, competências de comunicação consideradas necessárias no manejo do luto e da eutanásia. Foram incluídas publicações que abordam fundamentos éticos, modelos de luto, estratégias comunicacionais, efeitos emocionais em responsável e profissionais e recomendações para situações de fim de vida. A seleção privilegiou estudos com aplicabilidade ao cotidiano clínico e propostas formativas que contribuam para o desenvolvimento dessas habilidades. Os resultados indicam que a comunicação exerce influência decisiva na condução da eutanásia e no suporte ao responsável enlutado. Adoção de escuta atenta, linguagem clara, validação das emoções, observação da comunicação não verbal e organização do ambiente favorecem a confiança, diminuem culpa e fortalecem a relação profissional com o responsável pelo animal. A união entre avaliação clínica objetiva e sensibilidade às percepções do responsável conduz a decisões responsáveis e compassivas. A literatura mostra ainda que, treinamentos específicos, como simulações e exercícios de reflexão, aumentam a segurança do médico-veterinário em conversas sobre fim de vida e colaboram para prevenir estresse moral e fadiga emocional associada ao cuidado diante de perdas frequentes. Conclui-se que competências de comunicação estruturam uma prática veterinária humanizada no manejo do luto e da eutanásia em pequenos animais. A inclusão desse conteúdo na formação e educação continuada contribui para

qualificar o cuidado, apoiar responsável na elaboração da perda e proteger o bem-estar emocional dos profissionais. O compromisso com uma comunicação sensível e responsável valoriza o vínculo construído ao longo da vida do animal e garante que ele seja respeitado até o último instante.

Palavras-chave: luto; saúde mental; habilidades de comunicação; cão; gato.

ABSTRACT

FLORES, G. L. **Communication skills in grief and euthanasia management in small animals**: a literature review. 2025, 34f. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais) - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

The strengthening of the bond between humans and companion animals has expanded the debate surrounding grief and euthanasia in small animal clinical practice. The presence of animals within the family unit intensifies the emotional impact of illness and death, making communication a central element to reduce suffering, guide decision-making, and preserve trust between pet owners and veterinarians. Insufficient communicative preparation contributes to conflict, negative experiences, and professional emotional exhaustion, demonstrating the need for improvement in this area of clinical care. This study analyzed, through a narrative review of national and international literature, communication competencies considered necessary for managing grief and euthanasia. Publications addressing ethical foundations, models of grief, communicative strategies, emotional effects on pet owners and professionals, and recommendations for end-of-life situations were included. The selection prioritized studies applicable to daily clinical routines and training proposals aimed at developing these competencies. The results indicate that communication exerts decisive influence on the process of euthanasia and on the support provided to bereaved owners. The adoption of attentive listening, clear language, emotional validation, observation of non-verbal communication, and organization of the environment reinforces trust, reduces feelings of guilt, and strengthens the professional relationship with the animal's caregiver. The integration of objective clinical assessment with sensitivity to the owner's perceptions guides responsible and compassionate decisions. The literature also demonstrates that specific training, including simulations and reflective exercises, increases veterinarians' confidence in end-of-life discussions and contributes to preventing moral stress and emotional fatigue associated with frequent exposure to loss. It is concluded that communication competencies support a humane veterinary practice in the context of grief and euthanasia in small animals. Incorporating this content into academic training and continuing education enhances care quality, supports owners in processing loss, and protects the emotional well-being of professionals.

Commitment to sensitive and responsible communication honors the bond developed throughout the animal's life and ensures that it is respected until the final moment.

Keywords: grief; mental health; communication skills; dogs; cats.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo geral	11
2.2 Objetivos específicos	11
3 REVISÃO DE LITERATURA	12
3.1 Papel atual dos animais: membros da família	12
3.2 O luto e as competências comunicacionais no seu manejo	15
3.3 Eutanásia em pequenos animais: perspectivas éticas, clínicas e psicossociais	18
3.4 A comunicação veterinária no contexto do luto e da eutanásia: conceitos, práticas e impactos	20
3.5 Aprendizagem sobre comunicação veterinária no contexto do luto e da eutanásia	22
3.6 Práticas recomendadas e diretrizes para comunicação efetiva no manejo da eutanásia e do luto	25
4 DISCUSSÃO	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O vínculo entre seres humanos e animais de companhia tem se fortalecido de maneira marcante nas últimas décadas, transformando a forma como as perdas desses animais são compreendidas e vivenciadas. Estudos apontam que os pets passaram a ocupar um lugar central na estrutura afetiva das famílias, sendo percebidos como membros legítimos dessa convivência, o que intensifica a dor associada ao adoecimento e à morte.¹ Quando essa dor não encontra espaço social para ser expressa, surgem dificuldades emocionais relevantes, pois, o sofrimento tende a ser invalidado e tratado como algo menor, fenômeno discutido pela literatura ao abordar o luto privado de reconhecimento e a falta de empatia dirigida ao enlutado.² Nesse cenário, o profissional veterinário é chamado a reconhecer não apenas a dimensão clínica da doença, mas, também a realidade emocional que envolve o responsável e suas relações com os animais.

A eutanásia amplia ainda mais essa complexidade, pois, envolve decisões delicadas e sentimentos ambivalentes. O Guia Brasileiro de Boas Práticas para a Eutanásia reforça que os animais envolvidos são seres sencientes e que todo o processo, desde o ambiente até a interação com os profissionais, deve priorizar o bem-estar e a redução do sofrimento. Além disso, o responsável chega a esse momento carregando dúvidas, medos e expectativas que precisam ser acompanhados com atenção. A literatura destaca que o médico-veterinário deve orientar o responsável de forma clara sobre o que esperar, auxiliando na compreensão do processo e reduzindo possíveis sentimentos de culpa associados à decisão.¹ Assim, a comunicação deixa de ser apenas instrumento técnico e se torna parte essencial da qualidade do cuidado, influenciando tanto a experiência do responsável quanto o desfecho emocional após a perda.

Diversos estudos na área da saúde e das ciências do comportamento ressaltam que a ausência de acolhimento, validação emocional e orientação adequada pode dificultar a elaboração do luto, gerar isolamento e comprometer a capacidade de encontrar significado na experiência vivida.² Dessa forma, habilidades como escuta ativa, empatia, linguagem clara e presença sensível são compreendidas hoje como componentes fundamentais da atuação veterinária, especialmente em situações de fim de vida. Ao reunir contribuições teóricas e recomendações práticas, esta revisão de literatura busca esclarecer e enfatizar

essas competências comunicacionais essenciais, reconhecendo sua relevância diante das demandas éticas, emocionais e sociais que caracterizam a prática clínica contemporânea em medicina veterinária.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

O objetivo deste estudo é analisar, por meio de uma revisão da literatura, quais competências comunicacionais são essenciais para conduzir o luto e a eutanásia na rotina veterinária de pequenos animais.

2.2 Objetivos específicos

- Examinar a importância de habilidades socioemocionais como empatia, escuta ativa e comunicação não violenta, discutindo como elas contribuem para uma abordagem ética e humana nesses momentos delicados.

- Também, propõe-se a apresentar os principais referenciais teóricos sobre luto e eutanásia em pequenos animais, explorando o sofrimento do responsável e o papel do médico-veterinário durante a tomada de decisão.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Papel atual dos animais: membros da família

A relação entre seres humanos e animais têm evoluído para além de um vínculo meramente funcional, como nas antigas práticas de caça, vigilância e trabalho. Atualmente, os animais de companhia, sobretudo cães e gatos, passaram a integrar a vida doméstica de modo afetivo e constante, ocupando um espaço emocional comparável ao de familiares próximos. Em um estudo realizado com 40 responsáveis por cães e gatos recrutados em *pet shops* da Serra Gaúcha, observou-se que 80% dos participantes consideraram o animal um membro da família e 50% afirmaram que o pet era quem mais demonstrava afeto pelo responsável. Além disso, 45% relataram sentir tristeza quando afastados do animal, 40% recorriam a ele em momentos de abatimento e 57,5% percebiam sua sensibilidade às variações emocionais, evidenciando o fortalecimento do vínculo humano-animal no contexto familiar. Esses dados revelam a profundidade das conexões estabelecidas e ajudam a compreender porque a perda de um animal pode gerar impactos emocionais significativos.³

Destaca-se que a presença dos animais de estimação tem se tornado cada vez mais importante nas dinâmicas familiares modernas, preenchendo lacunas afetivas, promovendo bem-estar e oferecendo suporte emocional diante da solidão ou das exigências do cotidiano urbano. Esse novo modelo de convivência influencia não apenas o comportamento dos responsáveis, mas também amplia as exigências sobre os profissionais da saúde animal, que passam a lidar com demandas emocionais complexas durante o cuidado e, principalmente, nos momentos de perda. Essa mudança de percepção reflete-se não apenas na forma como os animais são cuidados, mas, também nas decisões que envolvem sua saúde e qualidade de vida.³ Para muitos responsável, os animais deixaram de ser simples acompanhantes para se tornarem integrantes plenos da família,⁴ influenciando diretamente processos delicados, como a escolha pela eutanásia ou a condução de tratamentos em fases terminais.¹

Na contemporaneidade, o vínculo afetivo entre responsável e animais de companhia transcende a mera convivência, refletindo-se em decisões práticas, especialmente em situações de emergência. Pesquisas demonstram que os responsáveis ajustam planos de evacuação levando em conta a segurança e o

conforto dos pets, o que pode tanto facilitar quanto dificultar a saída do local de risco. Isso tem fomentado a ampliação de abrigos capazes de receber responsáveis e animais.⁵ Observa-se, ainda, que a proteção de pessoas e animais interrelaciona-se de forma indissociável em cenários de desastre.⁶

Durante o confinamento causado pela pandemia de Covid-19, por exemplo, quase todos os responsáveis afirmaram não conseguir se imaginar sem seus animais de estimação, reforçando o lugar central que esses ocupam em suas vidas.⁷ Tal fenômeno está inserido em um cenário urbano contemporâneo, caracterizado por vínculos humanos fragilizados e crescente sensação de isolamento. A presença constante dos animais de estimação, nesse contexto, colabora para preencher lacunas emocionais, contribuindo para uma percepção de estabilidade e pertencimento. Dessa forma, o papel atual dos animais ultrapassa a função de companhia, representando vínculos afetivos profundos que influenciam o cotidiano e a dinâmica emocional das famílias modernas.⁶

A convivência estreita com animais domésticos gera vínculos emocionais intensos, com repercussões relevantes sobre o bem-estar psicológico dos responsáveis. Esses vínculos funcionam como fontes de conforto, apoio em momentos de crise e estímulo à responsabilidade, especialmente em contextos urbanos marcados por estresse e solidão. O apego aos animais é frequentemente comparado àquele estabelecido com familiares humanos, sendo comum que os responsáveis descrevam seus pets como filhos ou melhores amigos.^{6,8}

De acordo com a teoria do apego proposta por John Bowlby, seres humanos apresentam predisposição biológica para estabelecer vínculos afetivos estáveis com figuras de cuidado, manifestados por comportamentos de proximidade em momentos de vulnerabilidade.⁸ Os traços físico-comportamentais dos bebês funcionam como mecanismos que ativam respostas protetoras em adultos. Essa dinâmica recíproca entre necessidade de segurança e oferta de proteção constitui fundamento adaptativo para a sobrevivência da espécie. Embora originalmente direcionada ao vínculo entre pais e filhos, essa estrutura teórica aplica-se ao relacionamento entre responsável e seus animais de companhia, que oferecem conforto emocional e sensação de bem-estar.^{9,10}

Os responsáveis percebem seus pets como fonte de segurança afetiva comparável à presença humana. A perda de um animal de estimação desencadeia

reações de luto com sintomas similares aos observados em processos de perda de entes humanos, como tristeza e desorganização emocional.⁹

Além do vínculo afetivo, a presença de animais de estimação pode favorecer benefícios emocionais e sociais, especialmente em contextos de vulnerabilidade ou estresse.¹¹ A literatura aponta que a convivência com animais está associada ao aumento da sensação de bem-estar, ao estímulo da interação social e à redução de estados de ansiedade em ambientes clínicos ou hospitalares. Embora ainda sejam necessários mais estudos sistemáticos, há evidências de que os animais podem atuar como importantes mediadores de conforto emocional, influenciando positivamente o humor e a estabilidade psicológica de seus responsáveis.¹²

Uma revisão sistemática demonstrou que a terapia assistida por animais melhora sintomas de depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático e esquizofrenia.¹³ A interação com animais de terapia reduziu os níveis de cortisol, elevou a ocitocina e diminuiu a pressão arterial, favorecendo o bem-estar. Além disso, promoveu maior engajamento social e regulação emocional e elevou a qualidade de vida e o funcionamento social dos participantes.¹¹ Apresentada como opção complementar integrável a terapias convencionais, a terapia assistida por animais ainda enfrenta desafios como preferências individuais, alergias, questões éticas e logísticas. Pesquisas futuras devem explorar seus efeitos a longo prazo, mecanismos de ação e alternativas tecnológicas.¹³

Além do vínculo emocional estabelecido entre responsáveis e animais de companhia, estudos recentes apontam que a convivência com eles pode gerar benefícios psicológicos e sociais relevantes. Uma meta-análise que reuniu 20 estudos com mais de 4 mil participantes, demonstrou que as interações humano-animal favorecem comportamentos cooperativos, empáticos e solidários.¹⁴

Embora os efeitos sejam modestos, os resultados indicam que o contato com animais tende a estimular atitudes pró-sociais, especialmente quando ocorre em interações estruturadas e de curta duração, como programas terapêuticos ou atividades assistidas. Esse padrão foi observado em diferentes faixas etárias e contextos, incluindo ambientes familiares e escolares, reforçando que a presença animal pode atuar como um mediador sutil de bem-estar emocional e conexão social. Esses achados contribuem para compreender porque os vínculos com animais exercem impacto positivo em situações de vulnerabilidade emocional, como em adoecimento, estresse ou luto. Durante o *lockdown* no Reino Unido, mais de

90% dos responsáveis relataram que seus animais os ajudaram a lidar emocionalmente com a situação da pandemia, o que demonstra a força e relevância psicológica desse vínculo.¹⁵

No entanto, essa ligação afetiva intensa também pode representar desafios, especialmente quando leva à antropomorfização, isto é, à atribuição de características humanas aos animais. Embora nasça do afeto, essa prática pode comprometer a compreensão das verdadeiras necessidades fisiológicas e comportamentais do animal, interferindo negativamente no manejo clínico e bem-estar do pet.¹⁵ Estudos apontam que a humanização exagerada pode contribuir para alterações comportamentais, como ansiedade e agressividade, além de dificultar decisões importantes, como a indicação de tratamentos ou da própria eutanásia, quando necessária.¹⁶ Proprietários com forte antropomorfismo tendem a avaliar de forma imprecisa a qualidade de vida de seus pets, comprometendo iniciativas de monitoramento e melhoria do bem-estar,¹⁷ pois, suas percepções são distorcidas por uma visão excessivamente humana do comportamento animal, resultando em manejos comportamentais inadequados.¹⁵

Em diversos casos, o animal é percebido como o único elo em meio às transformações familiares e sociais da vida do responsável. Por esse motivo, a tomada de decisão no fim da vida do animal ultrapassa aspectos clínicos e envolve profundas questões emocionais. Durante o período de confinamento da pandemia, muitos responsáveis relataram preocupações intensas com a possibilidade de ficarem doentes e não conseguirem cuidar de seus animais ou com o acesso restrito a serviços veterinários, o que demonstra como o adoecimento - próprio ou do animal - gera angústia significativa.⁴ A profundidade do apego pode determinar a forma como a perda é experienciada e a capacidade do responsável de lidar com ela.⁵

3.2 O luto e as competências comunicacionais no seu manejo

A vivência do luto no contexto veterinário é um fenômeno emocional cada vez mais reconhecido, especialmente diante da crescente humanização dos animais de companhia. Para muitos responsáveis, os vínculos estabelecidos com seus animais são comparáveis, em intensidade afetiva, às relações humanas mais próximas. Dessa forma, a perda de um pet configura uma ruptura significativa, gerando reações emocionais, comportamentais e sociais que se alinham à experiência de luto vivida em perdas humanas.⁹ A resposta a essa perda envolve não apenas

sofrimento psíquico, mas também manifestações físicas e alterações na rotina cotidiana.¹⁸

O papel do médico-veterinário, nesse cenário, ultrapassa os cuidados clínicos; é esperado que esse profissional possua competências comunicacionais que permitam acolher e apoiar os responsáveis enlutados com empatia, clareza e sensibilidade. A indicação da eutanásia, por exemplo, exige uma abordagem cuidadosa, pois, representa uma decisão médica e ética complexa, que carrega implicações emocionais profundas para o responsável. A ausência de uma orientação firme e humana pode prolongar o sofrimento tanto do animal quanto do seu cuidador, o que demanda habilidades de escuta, orientação e manejo da dor emocional.¹⁹

Ao compreender os diferentes tipos de luto, torna-se possível aprimorar o suporte oferecido aos responsáveis. O luto antecipatório ocorre antes da morte, geralmente quando o responsável já enfrenta a iminência da perda por meio de um diagnóstico terminal ou declínio progressivo do animal.²⁰ Nessa fase, o sofrimento mistura-se à espera e ansiedade, exigindo escuta ativa por parte da equipe veterinária. Já o luto validado refere-se à dor reconhecida socialmente, o que nem sempre ocorre na perda de um animal.⁹

O luto não validado ou autorizado, no caso de perdas de animais de estimação, geralmente é chamado de luto privado de direitos, sendo um problema significativo que surge quando o luto pela morte destes animais não é reconhecido e apoiado socialmente.²¹ Esse fenômeno é predominante na sociedade moderna, onde os laços emocionais entre humanos e seus animais de companhia são fortes, mas, o sofrimento experimentado por sua perda é frequentemente minimizado ou descartado.⁴

A falta de rituais sociais e apoio à perda de animais de estimação pode levar ao isolamento e dificultar o processo de luto dos donos de animais, pois eles recebem pouca simpatia ou reconhecimento dos outros.²² No luto desautorizado, a sociedade minimiza a dor do enlutado, por não considerar o vínculo com o animal como suficientemente relevante, o que pode dificultar a expressão do sofrimento e aumentar o risco de complicações emocionais.²¹

A ausência de validação social da perda pode intensificar sintomas como depressão, angústia e retraimento. Assim, a comunicação adequada por parte dos profissionais veterinários é fundamental para validar a experiência do luto,

legitimando a dor e permitindo que o responsável sinta-se acolhido e compreendido, o que contribui diretamente para sua capacidade de enfrentamento emocional.¹⁹

Diversos modelos teóricos ajudam a entender a dinâmica do luto e de suas possíveis trajetórias. Um dos mais conhecidos é o de Elisabeth Kübler-Ross, que descreve cinco estágios do luto: negação; raiva; barganha; depressão e aceitação. Esses estágios não ocorrem necessariamente em ordem linear, mas, fornecem um arcabouço para compreender as reações emocionais diante da perda.²¹ Outro modelo amplamente utilizado é o das Quatro Tarefas do Luto, de William Worden, que propõe quatro tarefas para a elaboração do luto: aceitar a realidade da perda; processar a dor; adaptar-se a um ambiente no qual o ente perdido está ausente e reposicionar emocionalmente o vínculo.²³ Tais modelos indicam que o luto não é um processo passivo, mas sim, uma vivência ativa e complexa.²²

O conhecimento desses referenciais permite ao médico-veterinário compreender que a dor do luto pode manifestar-se de maneiras diversas, demandando posturas comunicacionais adaptativas que respeitem o tempo e a singularidade de cada responsável. Quando essas respostas emocionais não são devidamente reconhecidas, existe maior risco de que se desenvolva o chamado luto complicado, caracterizado por sofrimento persistente, dificuldade em retomar a vida cotidiana e prejuízo funcional.²⁴

O impacto do luto nos responsáveis, após a perda de um animal de estimação, é multifacetado. Do ponto de vista emocional, pode haver manifestações como tristeza profunda, culpa, raiva e sensação de vazio. Em alguns casos, os responsáveis relatam sentimentos de responsabilidade pelo desfecho, especialmente quando decisões como a eutanásia estiveram envolvidas.¹⁹ As reações comportamentais incluem insônia, alterações no apetite, isolamento social e dificuldade de concentração. A dor do luto pode comprometer significativamente a funcionalidade do indivíduo, afetando as rotinas pessoal, social e profissional.²⁵

Estima-se que cerca de 10 a 20% dos enlutados apresentem dificuldades mais intensas de adaptação, com prejuízos à saúde mental e qualidade de vida.² Diante disso, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem comunicacional humanizada por parte da equipe veterinária, não apenas no momento da perda, mas, também no acompanhamento pré e pós-eutanásia.²⁶ Validar a dor, orientar sobre os possíveis sentimentos e oferecer escuta qualificada são estratégias essenciais para minimizar o sofrimento e possibilitar ao responsável elaborar sua

perda de maneira mais saudável. A comunicação, portanto, atua como uma ponte entre cuidado clínico e suporte emocional, fortalecendo o vínculo entre profissional e responsável e promovendo um cuidado integral que contempla tanto a vida quanto a morte do animal.²⁷

Nesse contexto, as habilidades comunicacionais assumem papel essencial no manejo do luto dos responsáveis e também dos próprios profissionais. Escuta ativa, empatia e validação emocional são competências que favorecem a criação de um ambiente seguro e respeitoso para o responsável. A comunicação empática permite que se sinta acolhido e compreendido, o que pode aliviar parte do sofrimento vivenciado no processo de tomada de decisões difíceis, como a eutanásia.²⁸

3.3 Eutanásia em pequenos animais: perspectivas éticas, clínicas e psicossociais

A eutanásia em pequenos animais refere-se à prática veterinária de interrupção da vida de forma indolor, visando aliviar o sofrimento decorrente de condições irreversíveis e terminalmente dolorosas. Atualmente, essa prática está inserida em um contexto amplo de discussão ética, clínica e emocional, abrangendo desde critérios objetivos até questões subjetivas relacionadas ao bem-estar animal e aos impactos emocionais sobre os envolvidos.¹⁸ A compreensão contemporânea da eutanásia destaca seu papel como recurso humanitário, contudo, amplifica também os desafios psicológicos e morais para responsável e profissionais veterinários, exigindo uma abordagem sensível e ponderada, que equilibre técnica clínica e empatia no manejo das emoções.^{19,20}

A eutanásia deve combinar métodos humanitários que garantam morte rápida e indolor com intenção de beneficiar o animal, princípios fundamentais para resguardar seu bem-estar.²⁶ Além disso, o médico-veterinário possui autoridade ética para recusar solicitações que não atendam ao interesse do paciente, exercendo seu papel de defensor. Reforça-se a necessidade de consentimento completo e documentação detalhada, ambiente calmo, sedação prévia, presença do responsável e suporte ao luto.²⁶

A adoção de protocolos operacionais padronizados, estruturados e claros, assegura consistência, evitando sofrimento desnecessário e promovendo uma “boa morte”, verdadeiramente respeitosa e compassiva. Cursos especializados têm integrado de forma abrangente o planejamento da comunicação sobre qualidade de

vida, opções de cuidados finais e luto, juntamente com estratégias preventivas para manutenção do bem-estar mental da equipe clínica, minimizando assim o risco de fadiga por compaixão.^{19,25,26}

Dilemas éticos são frequentes, sobretudo em situações onde há discordância sobre quando e se a eutanásia é apropriada. O responsável pode hesitar em optar pela eutanásia, por sentimentos intensos de culpa ou dúvidas sobre a decisão a ser tomada, experimentando ambivalência sobre o momento correto para agir.^{18,19} Em paralelo, médicos-veterinários enfrentam desafios éticos e emocionais significativos quando percebem divergências entre a necessidade clínica e o desejo emocional do responsável de prolongar a vida do animal, frequentemente motivados pela culpa associada ao manejo prévio ou acidentes.¹⁹

A distinção entre o sofrimento do animal e o sofrimento emocional do responsável é uma questão complexa e delicada. Animais não verbalizam sofrimento futuro, contudo, o sofrimento evidente no presente impõe a necessidade ética de agir.^{19,29} Em contrapartida, o sofrimento emocional do responsável, caracterizado por luto antecipado, tristeza profunda e culpa decorrente da responsabilidade percebida pela situação do animal, precisa ser igualmente considerado, pois, influencia diretamente a qualidade do manejo clínico e a decisão pela eutanásia.^{18,19}

Os critérios clínicos para indicação da eutanásia devem ser claros e objetivos, abrangendo qualidade de vida, prognóstico clínico e possibilidade terapêutica efetiva. A decisão final, idealmente, resulta de um processo compartilhado entre médico-veterinário e responsável, com comunicação clara, acolhedora e fundamentada, permitindo compreensão plena e inclusão emocional do responsável.^{21,25} Reconhecer e abordar explicitamente o impacto psicológico da decisão sobre responsável e profissionais é essencial para mitigar o sofrimento moral, reduzir o risco de burnout nos médicos-veterinários e garantir que a eutanásia seja conduzida com compaixão e respeito mútuo.³⁰

A eutanásia, embora eticamente fundamentada, permanece como um desafio emocional significativo para todos envolvidos, reforçando a importância de reconhecer que questões de bem-estar animal transcendem critérios puramente técnicos, integrando uma reflexão profunda sobre ética, responsabilidade social e empatia no contexto veterinário.^{18,19,29} Neste sentido, o luto não afeta apenas os responsáveis, mas também exerce impacto significativo sobre os profissionais da

área. O contato repetido com a dor, a perda e as decisões éticas, como a indicação de eutanásia, podem levar ao esgotamento profissional (burnout).²⁸ Nessa condição, a empatia pode ser prejudicada, comprometendo a qualidade do atendimento e enfraquecendo o vínculo com o cliente.²⁵

Para médicos-veterinários, o impacto emocional da eutanásia frequentemente gera sentimentos conflitantes, descritos por muitos profissionais como simultaneamente a parte mais gratificante e a mais desafiadora da profissão.¹⁹ O sofrimento moral advindo da repetição frequente dessas decisões pode levar ao esgotamento emocional, destacando a necessidade de treinamento específico em habilidades de comunicação e suporte emocional.^{31,32}

Fatores como a eutanásia decorrente de restrições econômicas são apontados como fontes relevantes de estresse moral e sofrimento psíquico, especialmente quando o profissional percebe que o responsável está impossibilitado de oferecer tratamento adequado por limitações financeiras.^{32,33} Esses desafios evidenciam a necessidade de preparo emocional e ético no exercício da medicina veterinária, assim como a inclusão de estratégias de enfrentamento e autocuidado nas formações acadêmicas da área.³⁴

3.4 A comunicação veterinária no contexto do luto e da eutanásia: conceitos, práticas e impactos

A comunicação é reconhecida como uma competência essencial na prática veterinária, especialmente em contextos de cuidado paliativo, eutanásia e manejo do luto. Historicamente vista como uma habilidade complementar, passou a ocupar papel central no exercício clínico, sendo valorizada por sua importância na construção de vínculos, condução de decisões difíceis e promoção de um atendimento mais humanizado. Estudos indicam que tanto profissionais quanto estudantes de medicina veterinária consideram as comunicações verbal e interpessoal como habilidades fundamentais para o bom desempenho na profissão.³⁵

A comunicação eficaz é considerada uma obrigação ética e habilidade clínica indispensável para o êxito das equipes veterinárias, sobretudo em momentos sensíveis como o fim da vida de um animal.²⁵ A falta de preparo nessa área pode gerar experiências negativas para os responsáveis e aumentar o estresse dos profissionais. Assim, pesquisadores têm defendido a inclusão sistemática do ensino

de comunicação nos currículos acadêmicos, com ênfase em estratégias práticas como simulações e dramatizações, visando não apenas ao desenvolvimento técnico, mas, também ao fortalecimento da empatia e segurança profissional.³⁶

Os fundamentos da comunicação em medicina veterinária englobam aspectos verbais, não verbais, empáticos e assertivos. A comunicação verbal exige clareza, objetividade e adequação da linguagem, enquanto a comunicação não verbal envolve gestos, expressões faciais, postura e tom de voz. Esses elementos tornam-se especialmente relevantes em momentos de fragilidade emocional dos responsáveis. Destaca-se que comportamentos como manter contato visual, adotar tom de voz calmo e demonstrar presença por meio da postura corporal são percebidos como sinais de cuidado e atenção, aumentando a confiança no atendimento.³⁷

A comunicação empática implica em validar as emoções do responsável, acolhendo sua dor sem julgamentos. Já a assertividade permite transmitir informações de forma clara e respeitosa, possibilitando decisões compartilhadas. O uso de pausas, escuta ativa e frases compassivas são consideradas ferramentas eficazes nesse processo.⁴² Aplicados com sensibilidade, esses fundamentos tornam-se recursos clínicos valiosos, que promovem um atendimento mais acolhedor e menos desgastante, para o responsável e o médico-veterinário.³⁸

A evolução da comunicação nas ciências da saúde reflete uma mudança de paradigma que também alcançou a medicina veterinária. A prática clínica, anteriormente centrada exclusivamente em aspectos técnicos e biomédicos, passou a incorporar abordagens mais humanizadas, que consideram o bem-estar emocional do responsável e do animal. Essa transformação levou à valorização da comunicação como uma habilidade a ser desenvolvida de forma contínua ao longo da formação e carreira profissional. O crescimento do interesse por programas de capacitação voltados à comunicação demonstra uma crescente conscientização sobre seu impacto na rotina clínica.³⁹

Nas últimas décadas, observa-se um crescente investimento da literatura e das instituições formadoras no aprimoramento das competências comunicacionais na medicina veterinária, impulsionado pela necessidade de preparar profissionais para lidar com situações emocionalmente complexas e fortalecer a qualidade da relação entre veterinário e responsável.³⁶ A adoção de metodologias como simulações, dramatizações e interações com clientes fictícios têm contribuído para

melhorar a confiança dos estudantes ao lidar com conversas difíceis, como as que envolvem diagnósticos graves ou decisões sobre eutanásia³⁶. As mudanças no ensino de comunicação vêm respondendo à necessidade de um atendimento mais sensível e também ao cuidado com o bem-estar emocional dos veterinários, que enfrentam na rotina situações capazes de gerar desgaste psicológico.³⁴⁻³⁶

Em situações delicadas como a comunicação de más notícias, o processo de eutanásia e o acompanhamento do luto, a forma como o diálogo é conduzido tem influência direta sobre a experiência do responsável.^{18,19} Um discurso sensível, construído com empatia e clareza, pode suavizar sentimentos de culpa, insegurança ou revolta, favorecendo a aceitação da perda e fortalecendo a relação de confiança com o profissional, ressaltando a importância de transmitir diagnósticos de maneira cuidadosa, reconhecendo o impacto emocional dessas informações.¹⁸⁻²⁰

No entanto, diversos fatores podem dificultar essa comunicação, como reações emocionais intensas, diferenças culturais ou barreiras técnicas. A comunicação é frequentemente apontada como um dos principais pontos de tensão entre médicos-veterinários e responsáveis pelos animais.⁴⁰ Superar esses desafios exige preparo teórico, treino contínuo e sensibilidade para ajustar a conversa ao perfil de cada responsável.³⁶

Quando adequadamente conduzido, o diálogo contribui para a adesão às orientações, a satisfação com o atendimento e o sentimento de controle em um momento de vulnerabilidade.²⁰ Profissionais que dominam essas habilidades relatam menor estresse e maior percepção de eficácia ao lidar com situações difíceis, reforçando a importância da comunicação para o bem-estar de todos os envolvidos.⁴⁰

3.5 Aprendizagem sobre comunicação veterinária no contexto do luto e da eutanásia

A discussão sobre práticas comunicacionais na medicina veterinária, especialmente em situações delicadas como o manejo do luto e da eutanásia, vem ganhando espaço nas últimas décadas. Tradicionalmente, o ensino tem sido centrado nas competências técnicas, relegando a segundo plano a dimensão comunicacional. Contudo, a evolução das diretrizes curriculares e demanda por um atendimento mais humano tem levado várias instituições a incluírem simulações, aprendizagem entre pares e cursos práticos voltados à comunicação.³⁶

Em muitos currículos, as atividades práticas de comunicação permanecem esparsas, restritas à aulas expositivas ou simulações pontuais. Esse formato fragmentado limita o desenvolvimento de competências interativas reais, já que o aprendizado intensivo por meio de técnicas vivenciais requer competências didáticas específicas por parte dos instrutores.³⁶

Todavia, a disparidade entre as expectativas de comportamento profissional e as estruturas mentais prévias dos estudantes pode dificultar a assimilação de ferramentas de comunicação.³⁵ A consolidação das habilidades comunicacionais pode ser dificultada por fatores como ansiedade, medo de julgamento e desconforto diante de interações simuladas, especialmente quando as atividades envolvem gravações em vídeo, dramatizações ou feedback público, situações que tendem a gerar tensão emocional.⁴¹

A literatura indica que a eficácia desses treinamentos depende de ambientes de apoio contínuo, nos quais exista segurança psicológica para errar, receber retorno e praticar sem constrangimento. A ausência de protocolos de avaliação consistentes e padronizados dificulta o acompanhamento sistemático do desenvolvimento comunicacional, criando distâncias entre o desempenho esperado e a prática observada nos serviços de saúde.⁴¹ Esse descompasso reflete a necessidade de atualização constante das práticas pedagógicas e formação de facilitadores de comunicação efetiva integrada.⁴²

O protocolo Calgary-Cambridge é um modelo baseado em evidências que organiza a consulta clínica em cinco etapas sequenciais e dois temas transversais, visando tornar o diálogo mais claro e sistematizado.⁴² Inicialmente, são descritas 71 habilidades de comunicação derivadas da medicina humana, agrupadas nas tarefas de: iniciar a consulta, coletar informações, realizar o exame físico, explicar e planejar o tratamento e encerrar a sessão. Esse guia foi adaptado à medicina veterinária, sendo selecionadas 54 habilidades direcionadas à tríade responsável-paciente-veterinário, o que permitiu definir objetivos de aprendizagem claros para encontros simulados. No currículo da *Midwestern University* o protocolo Calgary-Cambridge foi refinado em 14 habilidades, sendo quatro fundamentais (escuta reflexiva, empatia, comunicação não verbal e perguntas abertas) e dez centrais (elucidar a perspectiva do responsável; pedir permissão; sinalizar a estrutura da consulta; usar linguagem simples; fragmentar e verificar informações; avaliar o conhecimento prévio; oferecer parceria; resumir; planejar próximos passos

e realizar conferência final). Ao explicitar comportamentos observáveis, o guia facilita o ensino, a avaliação e o *feedback* estruturado, promovendo maior confiança e clareza na interação entre veterinário e responsável.⁴³

Experiências formativas que empregam clientes simulados, como as desenvolvidas na Universidade do Tennessee, demonstraram avanço consistente na compreensão e valorização da comunicação clínica entre estudantes. O estudo evidenciou aumento expressivo da confiança comunicacional após oficinas práticas, especialmente em competências como escuta ativa, empatia e uso adequado da comunicação não verbal. Esses resultados reforçam que atividades vivenciais estruturadas favorecem a internalização dessas habilidades e ampliam o reconhecimento, por parte dos alunos, de seu papel central no atendimento veterinário.³⁵

A eficácia dos treinamentos comunicacionais baseados em dramatizações e interações simuladas tem sido confirmada por estudos quantitativos recentes. Na *Freie Universität Berlin*, verificou-se que estudantes que participaram de atividades práticas apresentaram aumento marcante na autoavaliação de suas habilidades comunicativas quando comparados a colegas expostos apenas ao formato e-learning. Além disso, esses participantes passaram a atribuir maior relevância à comunicação para o êxito profissional, superando inclusive a percepção de veterinários já formados.⁴⁴

O protocolo SPIKES, amplamente difundido na medicina humana, constitui um dos modelos mais consolidados para a comunicação estruturada de más notícias. Desenvolvido a partir do trabalho de Buckman, organiza o encontro clínico em seis etapas sequenciais: *Setting, Perception, Invitation, Knowledge, Empathy/Emotions, Strategy and Summary*. Cada fase orienta o profissional a preparar o ambiente físico e relacional para a conversa, avaliar o nível de compreensão prévia do interlocutor, solicitar permissão para oferecer informações sensíveis, transmitir o conteúdo de forma graduada e clara, responder empaticamente às reações emocionais e, por fim, sintetizar os pontos principais, estabelecendo um plano para os passos seguintes. Esse modelo tem sido valorizado não apenas por sua organização lógica, mas por proporcionar uma estrutura que reduz a carga emocional da interação, tanto para o profissional quanto para o cliente.⁴⁵

Nickels e Feeley (2018) entrevistaram 44 médicos-veterinários e verificaram que diversas etapas do SPIKES estavam presentes no comportamento de médicos-veterinários durante a comunicação de más notícias, reforçando a aplicabilidade do protocolo na prática veterinária. No entanto, a fase *Invitation*, que envolve perguntar o quanto o responsável deseja saber naquele momento, não foi reportada pelos profissionais. Também foi observada uma ausência de emprego sequencial do protocolo e de check list de aplicação de suas etapas, indicando a necessidade de formação mais sistemática.⁴⁵ A padronização de modelos de comunicação contribui ainda para maior segurança, previsibilidade e compreensão mútua entre profissionais, evitando falhas que podem repercutir diretamente na qualidade do cuidado prestado.⁴⁶

O mnemônico NURSE é considerado um método estruturado para orientar a resposta às emoções em situações de grande impacto emocional, incluindo cenários de fim de vida. O método aborda o uso da empatia ao lidar com as emoções do paciente. Em *Name*, propõe reconhecer a emoção observada, sem rotulá-la de forma categórica, permitindo aproximações como “Eu imagino que esta situação esteja sendo difícil...”. Em *Understand*, recomenda-se validar o sentimento expresso, oferecendo compreensão genuína, como em “Entendo a sua preocupação...”. Em *Respect*, enfatiza o reconhecimento da força e dos esforços do responsável, como “Você demonstrou muita força”. Em *Support*, incentiva-se a oferta de suporte explícito, ilustrada por: “Quero que saiba que estamos aqui para você...”. Em *Explore*, convida-se o responsável a compartilhar percepções e dúvidas, favorecendo um diálogo mais aberto e esclarecedor, por exemplo: “Isso é muita informação. O que você está pensando sobre?”. Esse esquema pode ser adaptado a diferentes contextos clínicos, servindo como complemento aos protocolos institucionais para promover uma experiência de luto ou eutanásia mais acolhedora, mitigar a sobrecarga emocional dos profissionais e fortalecer o vínculo terapêutico.⁴⁷

3.6 Práticas recomendadas e diretrizes para comunicação efetiva no manejo da eutanásia e do luto

Diretrizes práticas detalhadas são essenciais para o manejo adequado da eutanásia e do luto, proporcionando clareza e segurança ao médico-veterinário e ao responsável, durante todo o processo. O Conselho Federal de Medicina Veterinária enfatiza que responsáveis devem ter esclarecimentos suficientes sobre o

procedimento, sua necessidade e irreversibilidade, recomendando que seja permitida sua presença no momento da eutanásia sempre que desejado e sem riscos inerentes²⁶. A transparência e o respeito pela escolha do responsável são fundamentais para o acolhimento emocional e processo subsequente de luto. Além disso, uma diretriz prática crucial refere-se ao reconhecimento aberto e não julgador do sofrimento do responsável pela perda do animal, o que constitui o passo inicial na instauração do direito legítimo ao luto.^{18,19} Na rotina clínica, destaca-se a importância de oferecer suporte emocional ao responsável antes, durante e após a morte do animal, favorecendo um processo de despedida mais humano e estruturado. Esse acompanhamento contínuo contribui para reduzir a sensação de desamparo, legitimar o luto e orientar o responsável em um momento de elevada vulnerabilidade.^{18,48}

Deste modo, as diretrizes práticas existentes oferecem um roteiro estruturado que promove a comunicação empática e o suporte adequado ao responsável e à equipe veterinária, contribuindo significativamente para o manejo eficaz e humanizado da eutanásia e do processo de luto associado⁴⁹. Além da preparação técnica e empatia intrínseca à comunicação eficaz, é fundamental que os médicos-veterinários busquem aperfeiçoamento contínuo em estratégias de interação com os responsáveis.^{20,35} Programas de formação baseados em evidências, como o treinamento experiencial e a simulação realística, são reconhecidos por ampliarem o repertório emocional dos profissionais, permitindo-lhes manejar adequadamente a ansiedade dos clientes e a complexidade dos sentimentos envolvidos.³⁵

Por fim, implementar diretrizes claras e treinamentos contínuos não só atende a preceitos éticos e emocionais, mas também fortalece vínculos duradouros com os clientes, garantindo maior confiança na qualidade do atendimento veterinário.³⁹

4 DISCUSSÃO

Os animais de companhia adquiriram o status de membros plenos da família, substituindo, em muitos lares, funções afetivas que antes eram exclusivas de parentes humanos. A grande maioria dos responsáveis relata prazer imediato ao interagir com seus pets em atividades simples como acariciar e brincar, o que reforça a sensação de segurança e reduz os níveis de estresse.^{3,9} Em lares sem crianças, o animal frequentemente ocupa o lugar de um filho, o que leva os responsáveis a investir na alimentação e no ambiente para garantir o conforto do pet. Diante dessa reconfiguração familiar, o médico-veterinário precisa, além das habilidades clínicas, desenvolver habilidades de comunicação que auxiliem o responsável a compreender o quadro médico de seu animal e suas implicações. O desenvolvimento dessas habilidades de comunicação possibilita que o responsável tome decisões de forma clara e consciente, como prosseguir com um tratamento ou considerar a eutanásia quando indicada. O uso de protocolos baseados em psicologia do luto e bioética contribui para reduzir sentimentos de culpa e favorecer uma despedida mais tranquila e compassiva.^{3,26,46,48}

Quando o pet adoece ou o fim de sua vida se aproxima, os sentimentos do responsável tendem a se intensificar. Gazanna e Schmidt³ observaram que a doença é encarada como um evento marcante, resultando em visitas mais frequentes ao veterinário e adoção de rotinas de cuidado mais intensas para garantir conforto ao animal. A eutanásia deixa de ser um procedimento apenas técnico para se tornar um momento de despedida que exige suporte emocional. Esse apoio ajuda a validar o luto e permite a expressão da dor, favorecendo a aceitação gradual da perda.^{18,24,26}

O conceito de eutanásia em pequenos animais envolve critérios clínicos e bioéticos.²⁶ A necessidade de integrar dados objetivos de exames físicos e laboratoriais com a percepção do responsável sobre mudanças comportamentais do animal, definindo assim um ponto de intervenção que evite sofrimento desproporcional ao benefício esperado.^{25,48} Objetivando amparar o médico-veterinário, O *Guia Brasileiro de Boas Práticas para Eutanásia* estabelece que a eutanásia deve ser realizada quando for a opção mais ética para preservar o bem-estar do animal, evitando sofrimento intenso ou irreversível. Ainda, que é um dever moral para prevenir o sofrimento do animal, devendo ser realizada com responsabilidade profissional.²⁶ Contudo, dilemas éticos persistem, sobretudo

quando limitações financeiras do responsável levam à eutanásia por conveniência, gerando estresse moral aos veterinários e exigindo habilidade comunicacional para negociar tensões sem basear-se apenas em instinto.^{26,27,29}

O processo de decisão compartilhada tem sido valorizado como estratégia para dividir a responsabilidade e mitigar sentimentos de culpa nos responsáveis. Esse modelo pressupõe um diálogo colaborativo, no qual médico-veterinário e responsável trocam informações, expectativas e valores para que a escolha seja construída de forma consciente e ética.^{20,25,39}

O impacto psicológico da eutanásia no responsável é marcado por sentimentos intensos de culpa, tristeza e luto. A incapacidade de atribuir sentido ao evento traumático correlaciona-se com maior intensidade de luto complicado, sugerindo que o profissional que conduz perguntas abertas e auxilia na construção de significados favorece o enfrentamento adaptativo da perda.¹⁸ A estruturação da comunicação, com sinalização prévia de tópicos e uso de material gráfico, atua como refinamento que beneficia tanto os responsáveis quanto os médicos-veterinários, reduzindo a culpa e construindo uma experiência mais significativa.^{20,49}

No contexto do luto em clínica veterinária, entre 10 a 20% dos responsáveis desenvolvem sofrimento prolongado que extrapola a elaboração natural do luto e requer apoio psicológico especializado.²¹ Eles enfatizam que o reconhecimento social e institucional do luto validado é determinante para evitar seu prolongamento. A dimensão de culpa pós-eutanásia e o estigma social agravam o isolamento e prolongam a tristeza, recomendando que o médico-veterinário atue como suporte emocional antes e após o procedimento, validando o luto e oferecendo gestos de conforto.¹⁹

Os médicos veterinários também sofrem impacto emocional ao conduzir eutanásias, relatando sofrimento moral, cansaço emocional e queda na satisfação com o trabalho, especialmente quando percebem conflito entre a melhor escolha para o animal e as condições e/ou expectativas do responsável.^{19,27,34} Elevada frequência destes procedimentos associada à exposição ao sofrimento animal pode intensificar a sensação de desgaste. Nestas situações, o uso de habilidades de comunicação mais estruturadas, como escuta atenta, validação dos sentimentos do responsável e explicações claras sobre o quadro clínico e as razões que justificam a

eutanásia, tende a tornar o momento menos traumático ao responsável e também ao próprio profissional.^{20,39}

Competências comunicacionais empáticas emergem como eixo central no manejo de luto e eutanásia. Uma quase totalidade dos médicos-veterinários (98%) atribuíram à comunicação importância igual ou superior ao conhecimento técnico, mas, apenas 41% tiveram treinamento formal durante a graduação.³⁶ Métodos ativos como simulações e *feedback* estruturado para desenvolvimento de habilidades verbal, não verbal, empática e assertiva contribuem ao aperfeiçoamento da comunicação.³⁶

Barreiras emocionais, culturais e técnicas dificultam a comunicação em situações sensíveis. A incapacidade de reconhecer pistas não verbais bloqueia o diálogo e afasta o responsável.^{20,34,36} O excesso de jargão, a falta de preparo para discutir custos e mais de um responsável na consulta geram mal-entendidos e resistência às recomendações.³⁹ Em contrapartida, práticas estruturadas de escuta ativa, validação emocional e oferta de opções têm impacto positivo.²⁰ O contato visual, a postura aberta e o tom de voz tranquilo aumentam a segurança e facilitam a aceitação de notícias difíceis.³⁷ A comunicação bidirecional clara eleva a satisfação e confiança, além de reduzir arrependimentos.³⁹

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a literatura confirma que escuta ativa, linguagem acolhedora, validação emocional e clareza informativa são competências essenciais para manejo eficaz do luto e da eutanásia. Sua ausência agrava o sofrimento dos responsáveis, prolonga o luto e pode torná-lo mais prolongado e complicado e eleva o estresse moral dos profissionais, reforçando a necessidade de investimentos curriculares e institucionais em comunicação humanizada e ética na formação dos médicos-veterinários.

REFERÊNCIAS

1. Frid MH, Perea AT. Euthanasia & thanatology in small animals. *J Vet Behav.* 2007;2(2):35-9.
2. Flach K, Levandowski DC. Por que (ainda) é difícil abordar o luto? Avanços, desafios e perspectivas. *Rev Psicol Pesq [Internet].* 2024;18(3). Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/38202>.
3. Gazzana C, Schmidt B. Novas configurações familiares e vínculo com animais de estimação em uma perspectiva de família multiespécie. In: III Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG; 2015 Sep 15-17; Caxias do Sul, Brasil. Caxias do Sul: Faculdade da Serra Gaúcha; 2015.
4. Ratschen E, Shoesmith E, Shahab L, Silva K, Kale D, Toner P, et al. Human-animal relationships and interactions during the COVID-19 lockdown phase in the UK: investigating links with mental health and loneliness. *PLoS One [Internet].* 2020;15(9). Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0239397>.
5. Brackenridge S, Zottarelli LK, Rider E, Carlsen-Landy B. Dimensions of the human-animal bond and evacuation decisions among pet owners during Hurricane Ike. *Anthrozoos.* 2012;25(2):229-38.
6. Day AM. Companion animals and natural disasters: a systematic review of literature. *Int J Disaster Risk Reduct.* 2017;24:81-90.
7. Martos Martinez-Caja A, De Herdt V, Enders Slegers MJ, Moons CPH. Pets and their owners during the first COVID-19 lockdown period: perceived changes in routines and emotions. *J Vet Behav.* 2021;48.
8. Prato-Previde E, Basso Ricci E, Colombo ES. The complexity of the human-animal bond: empathy, attachment and anthropomorphism in human-animal relationships and animal hoarding. *Animals.* 2022;12(20):2835.
9. Wu Y, Song J. The relationship between pet attachment and pet loss grief in Chinese undergraduates: a conditional process model. *Behav Sci.* 2025;15(4):431.
10. Applebaum JW, MacLean EL, McDonald SE. Love, fear, and the human-animal bond: on adversity and multispecies relationships. *Compr Psychoneuroendocrinol.* 2021;7:100071.
11. Cirulli F, Borgi M, Berry A, Francia N, Alleva E. Animal-assisted interventions as innovative tools for mental health. *Ann Ist Super Sanita [Internet].* 2009;47(4):341-8. Disponível em: https://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-2571201100040004.
12. Northrope K, Shnookal J, Ruby MB, Howell TJ. The relationship between attachment to pets and mental health and wellbeing: a systematic review. *Animals [Internet].* 2025;15(8):1143. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-2615/15/8/1143>.
13. Arsovski D. The role of animal-assisted therapy in the rehabilitation of mental health disorders: a systematic literature review. *Perspect Integr Med [Internet].* 2024;3(3):142-51. Disponível em: <https://www.integrmed.org/journal/view.php?number=55>.

14. Chen NRY, Majeed NM, Lai GJ, Koh PS, Kasturiratna KTAS, Kaur M, et al. Human-animal interaction and human prosociality: a meta-analytic review of experimental and correlational studies. *Anthrozoos* [Internet]. 2023;1-20. Disponível em: <https://researchportal.northumbria.ac.uk/en/publications/humananimal-interaction-and-human-prosociality-a-meta-analytic-re>.
15. Mota-Rojas D, Mariti C, Zdeinert A, Riggio G, Mora-Medina P, Reyes AM, et al. Anthropomorphism and its adverse effects on the distress and welfare of companion animals. *Animals* [Internet]. 2021;11(11):3263. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8614365>.
16. Araújo ACF, Lima MF, Iris I, Luzia A, Jorge B, de K. Antropomorfismo e seus impactos no bem-estar de cães: uma revisão sistemática das implicações psicofisiológicas da relação humano-animal. *Res Soc Dev*. 2024;13(11):e06131147239.
17. Bradshaw J, Casey R. Anthropomorphism and anthropocentrism as influences in the quality of life of companion animals. *Anim Welf*. 2007;16(S1):149-54.
18. Cleary M, West S, Thapa DK, Westman M, Vesik K, Kornhaber R. Grieving the loss of a pet: a qualitative systematic review. *Death Stud*. 2021;46(9):1-12.
19. Morris P. Managing pet owners' guilt and grief in veterinary euthanasia encounters. *J Contemp Ethnogr*. 2012;41(3):337-65.
20. Ptacek JT, Leonard K, McKee TL. "I've got some bad news...": veterinarians' recollections of communicating bad news. *J Appl Soc Psychol*. 2004;34(2):366-90.
21. Leonhardt-Parr E, Rumble B. Coping with animal companion loss: a thematic analysis of pet bereavement counselling. *Omega*. 2022;89(1).
22. Worden JW, Winokuer HR. *Grief counseling and grief therapy*. 5th ed. New York: Springer; 2018.
23. Guldin MB, Leget CJW. The integrated process model of loss and grief: an interprofessional understanding. *Death Stud*. 2023;48(7):1-15.
24. Lichtenthal WG, Cruess DG, Prigerson HG. A case for establishing complicated grief as a distinct mental disorder in DSM-V. *Clin Psychol Rev*. 2004;24(6):637-62.
25. Knesl O, Hart BL, Fine AH, Cooper L, Patterson-Kane E, Houlihan KE, et al. Veterinarians and humane endings: when is it the right time to euthanize a companion animal? *Front Vet Sci* [Internet]. 2017;4(45). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5395644>.
26. Conselho Federal de Medicina Veterinária. *Guia Brasileiro de Boas Práticas para a Eutanásia em Animais: conceitos e procedimentos recomendados*. Brasília: CFMV; 2013.
27. Kipperman B, Morris P, Rollin B. Ethical dilemmas encountered by small-animal veterinarians: characterisation, responses, consequences and beliefs regarding euthanasia. *Vet Rec*. 2018;182(19):548.
28. González ÁSM, González PSM, Míguez-Santiyán MP, Rodríguez FS, Pérez-López M. Prevalence of burnout syndrome among veterinarians in Spain. *J Am Vet Med Assoc*. 2023;1-8.
29. Rollin BE. Ethics and euthanasia. *Can Vet J*. 2009;50(10):1081-6.

30. Mullan S, Main D. Principles of ethical decision-making in veterinary practice. In *Pract*. 2001;23(7):394-401.
31. Pihkala P, Aaltola E. Animal ethical mourning: types of loss and grief in relation to non-human animals. *Front Vet Sci*. 2025;12:.
32. Prato-Previde E, De Mori B, Colombo N, Pelosi A. Willing but unable: moral distress and burnout in Italian veterinarians working with companion and farm animals. *Animals*. 2024;14(24):3691.
33. McArthur M, Fitzgerald J. Companion animal veterinarians' use of clinical communication skills. *Aust Vet J*. 2013;91(9):374-80.
34. Musetti A, Schianchi A, Caricati L, Manari T, Schimmenti A. Exposure to animal suffering, adult attachment styles, and professional quality of life in Italian veterinarians. *PLoS One*. 2020;15(8):e0237991.
35. Barron D, Khosa D, Jones-Bitton A. Experiential learning in primary care: impact on veterinary students' communication confidence. *J Exp Educ*. 2017;40(4):349-65.
36. McDermott MP, Tischler VA, Cobb MA, Robbé IJ, Dean RS. Veterinarian-client communication skills: current state and opportunities. *J Vet Med Educ [Internet]*. 2015;42(4):305-14. Disponível em: <https://utppublishing.com/doi/pdf/10.3138/jvme.0115-006R>.
37. Carson CA. Nonverbal communication in veterinary practice. *Vet Clin North Am Small Anim Pract [Internet]*. 2007;37(1):49-63.
38. Lam WWT, Fielding R, Choi LY. Optimizing palliative care and support for pets: perspectives of the pet-parent and the veterinarian. *Front Vet Sci [Internet]*. 2023;10:1162269. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/veterinary-science/articles/10.3389/fvets.2023.1162269/full>.
39. Coe JB, Adams CL, Bonnett BN. A focus group study of veterinarians' and pet owners' perceptions of veterinarian-client communication. *J Am Vet Med Assoc*. 2008;233(7):1072-80.
40. Heise SAC, Wissing S, Nerschbach V, Preussing E, Tipold A, Kleinsorgen C. Evaluation of an interprofessional blended-learning course focusing on communication within veterinary teams. *Animals*. 2024;14(5):729.
41. Albaharna AM, Aloqaili AA, Alshahrani SS, Aldilbah FA, Aljohani OA, Aljohani KA. Building effective communication skills for high-stress hospital settings. *J Healthc Sci*. 2024;4(12):1031-7.
42. Van Gelderen I, Taylor R. Developing communication competency in the veterinary curriculum. *Animals*. 2023;13(23):3668.
43. Englar RE, Williams M, Weingand K. Applicability of the Calgary-Cambridge guide to dog and cat owners for teaching veterinary clinical communications. *J Vet Med Educ*. 2016;43(2):143-69.
44. Bahramsoltani M, Bröer S, Langforth S, Eule C, Prior A, Vogt L, et al. Outcome of communication training in veterinary studies: influence on perceived relevance and self-assessment of communication skills. *Animals*. 2023;13(9):1516.
45. Nickels BM, Feeley TH. Breaking bad news in veterinary medicine. *Health Commun*. 2017;32(5):567-73.

46. Pun JK, Matthiessen CM, Murray KA, Hu W, Stevenson M, McConnell D. Communication in veterinary clinical practice: a review of the literature. *Vet Rec.* 2020;187(12):e155.
47. Back AL, Arnold RM, Baile WF, Tulskey JA, Fryer-Edwards K. Approaching difficult communication tasks in oncology. *CA Cancer J Clin.* 2005;55(3):164-77.
48. Eigner DR, Breitreiter K, Carmack T, Cox S, Downing R, Robertson SA, et al. 2023 AAFP/IAAHPC Feline Hospice and Palliative Care Guidelines. *J Feline Med Surg.* 2023;25(9):e1-26.
49. Schultz MA, Morrisey JK, Kaplan LK, Colón JL, McVety-Leinen DG, Hinckley-Boltax AL, et al. A scalable and effective course design for teaching competency-based euthanasia communication skills in veterinary curricula. *J Vet Med Educ.* 2022;49(4):484-91.